

Exposição

OS SÍTIOS DA PEDRA

Escultura

Desenho

Fotografia



23 OUTUBRO > 27 DEZEMBRO 2020,
COMPLEXO CULTURAL DA LEVADA DE TOMAR

Escultura

ABÍLIO FEBRA
ADÁLIA ALBERTO
BEATRIZ CUNHA
DIOGO ROSA
FILIFE CURADO
JOÃO SOTERO
MÁRIO LOPES
MOISÉS PAULO
NTALUMA MAKONDE
PEDRO FAZENDA
ELSA GONÇALVES
RICARDO GIGANTE
SANDRA BORGES
STEFANO BACCARI
THIERRY FERREIRA

Desenho

BECERRA VITORINO
CARMEN FERREIRA
ENGRÁCIA CARDOSO
LUIS GOMES
INÊS MOURATO

Fotografia

ANTÓNIO DELICADO
ARLINDO HOMEM
BECERRA VITORINO
CARLOS SILVA
CARMEN VITORINO
DAVID LIGEIRO
DIOGO ROSA
JOAQUIM SANTOS
JOSÉ MATIAS
PAULO FERREIRA

Cantaria

CARLOS DINIS RIBEIRO
LUÍS RODRIGO

<https://convergenciasarte.wordpress.com>

O SÍTIO DA PEDRA

Quando se pensa na noção de sítio não do modo mais genérico, mas como um espaço por excelência, associado a uma forte carga simbólica, Tomar surge naturalmente como um dos sítios em que os portugueses se revêm e que, para gente do mundo inteiro, recebe com frequência o epíteto de lugar mágico.

Possivelmente, a maior parte destes não associam Tomar à ideia de pedra. Porque o rio é uma marca fortíssima na paisagem, porque o verde é exuberante, porque o centro histórico não tem o peso das cidades graníticas e nas fachadas resplende ainda a memória da cal e do ocre.

Porém, se o nosso olhar se concentrar um pouco, percebemos que a pedra é o âmago desta urbe: está omnipresente nas cantarias e em especial nas tão nossas janelas de canto. Forra o nosso chão, onde aflora se o levantamos, em memórias de passados milenares. E é o corpo do nosso monumento – o castelo, o convento, mas também a sinagoga, as igrejas e este complexo cultural que foi industrial ainda antes da implementação desse conceito.

Daí a pertinência de fazer uma exposição intitulada “Os sítios da pedra” precisamente na Levada de Tomar. A seguir a “Os sítios do barro”, matéria primordial e também ela essência desta terra.

Todavia, uma exposição não se esgota no conceito, ela vive da matéria artística que tem para exhibir. E, nessa perspectiva, o que temos para mostrar é uma interessante colectânea de expressões da escultura contemporânea, tão mais importante quanto tem sido uma das áreas das artes plásticas de que Tomar tem estado mais arredada.

E, no sítio da pedra que este é, a escultura tem que recuperar o seu lugar.

Filipa Fernandes

Vereadora da Cultura da Câmara Municipal de Tomar



OS SÍTIOS DA PEDRA

É um percurso novo, animado pelo mesmo propósito que há um ano desembocou nos “Sítios do Barro”. É a segunda parte de um mesmo manifesto: valorizar os materiais naturais pelo caminho da arte – em sentido lato – e trazer aos nossos sentidos alguns aspetos da sua capacidade de transformação, da sua expressão plástica e da sua utilidade.

Há, contudo, algo de paradoxal em querer trazer para o conforto de uma exposição os “Sítios” da pedra. Porque a pedra é o sítio, porque é ela que o define, que cria o lugar, que o detém, que o domina. Submete-se-lhe o rei, o soldado, o viajante ou até o eremita. Com toda a sua sólida massa, é o lugar que liga o mundo material ao espiritual. A pedra transforma-se na força que eleva o espírito: é anta, pirâmide, templo, estela, catedral.

Há, portanto, um exílio inerente a todas as pedras que hoje e aqui se nos oferecem aos sentidos. Arrancadas à sua natureza intrínseca, vêm, contudo, acrescentadas de uma alma antes oculta, que só uma relação intensa, nas suas formas ternas ou violentas, com o pulsar da ação humana, consegue revelar. Neste diálogo com a humanidade, entre a matéria e o espírito, entre o fixo e o volátil, se estabeleceu uma harmonia cósmica que hoje parece vacilar. Estas pedras são pequenas frases mudas de uma alquimia final, que é a marca do que é efêmero no que é definitivo.

E se, por fim, os ares das nossas cidades se tornarem salobros, ficam as pedras a sós, atrás do vidro de um ecrã, dando-se a uma fruição incompleta, mas ainda assim testemunho de um esforço coletivo que nos quer trazer uma mensagem: a função da pedra na construção dos arcos do tempo e da distância que podem, se quisermos, ajudar a construir a solidariedade humana.

“Kublai Kan permanece silencioso, refletindo. Depois acrescenta: - Porque me falas de pedras? É só o arco que me importa.”

Marco Pólo responde: - Sem pedras, não há arco.” Italo Calvino, “As cidades invisíveis”

José Becerra Vitorino

Organização e curadoria –Becerra Vitorino, Carlos Silva, Carmen Ferreira, Diogo Rosa e José Matias

LAPIS

A designação pedra vem do grego **Lapis** e está ligada ao conceito de rochedo, rocha de maior dimensão.

Para o bem e para o mal as pedras acompanham-nos desde que nos identificamos enquanto humanidade. De pedra são os abrigos mais antigos e os bens mais duráveis com os quais podemos classificar as nossas origens e a nossa identidade cultural mais remota: raspadores, facas, machados, pontas de seta. Muitas destas pedras foram talhadas em pederneira, o sílex; outras em obsidiana, um vidro vulcânico que pode ser tão cortante como o melhor aço. Não pensando só em pedras duras, o ocre que é uma argila vermelha ou amarela, foi usado nas culturas de todo o mundo, na África do Sul há 160 mil anos, aqui no território de Portugal há 24500 anos, na mortalha do Menino do Lapedo, uma criança resultante do acasalamento entre um *homo sapiens* e um *homo neanderthalensis*.

Os italianos ainda hoje chamam ao lápis matita, seja qual for a sua cor: **lapis haematites** é uma pedra conhecida em português por sanguínea, hematite é o nome que os gregos davam à pedra cor de sangue e era uma pedra de desenho avermelhada muito usada nos desenhos da Renascença. O **lapis-lazúli** é uma pedra azul semipreciosa e era triturada até ser feito um pó fino de cor azul denso e profundo, cor também conhecida por azul ultramarino.

Há menos de um século as crianças quase não tinham cadernos, o papel para escrever era ainda caro. Nesse tempo aprendiam a escrever em pequenas pedras emolduradas em madeira de pinho. Nessas pedras de ardósia, um xisto negro e de grão fino, escreviam com lápis, também de pedra, feito de um xisto cinzento mais brando.

Até há bem pouco tempo as equações matemáticas mais complexas e os cálculos mais demorados eram escritos sobre grandes quadros de fina lousa com umas pedras cilíndricas naturais chamadas cré, greda ou giz que, por conveniência, passaram a ser feitas industrialmente a partir de gesso e calcário.

Desta origem latina, LAPIS, derivou uma família inteira de palavras. Encontram-se no nosso vocabulário termos como lápide: uma pedra funerária inscrita que assinalava ou cobria um túmulo. Ou lapidar, com vários significados: no melhor deles significa uma locução digna de ser registada em pedra, no pior dos casos como sinónimo do acto de ferir ou causar a morte a alguém a quem se atira pedras.

Rodeados por LAPIS estamos ainda hoje: uns literalmente digitais como a ponta dos nossos dedos nos visores tácteis dos computadores de bolso, outros virtuais como o nosso olhar à distância apontando o infinitamente pequeno ou o infinitamente grande.

Esta exposição pretende fazer a ponte entre a idealização e a possibilidade de concretização. Nela existe a solidão da antevisão, a responsabilidade do projecto, e o risco do erro.

Do melhor e do pior do que a humanidade é capaz fazemos a nossa reflexão. Nestes tempos paradoxais, através desta exposição, tentamos separar o que é esforço do que é trabalho forçado. A perplexidade perante a natureza agreste e a construção do que é paisagem e beleza. Modestamente aventurámos fazer o caminho de encontrar motivo para a Arte enquanto justificação do gesto e da razão da própria existência humana.

Luís Filipe Gomes

ABÍLIO FEBRA

“ O meu trabalho como escultor, independentemente do material, procura sempre que seja uma expressão da minha forma de sentir e ver o mundo. É normal fixar as minhas ideias através de desenhos e esboços rápidos e posteriormente materializá-los em pedra, bronze ou madeira.

Creio que acabo por me autorretratar, através da minha obra, ainda que de forma inconsciente. A espontaneidade, a inquietude e um certo gestualismo, guiados em parte pela minha intuição, deixam marcas na minha obra, que eu próprio reconheço como minhas, mas que nem sempre consigo explicar. No entanto a minha realização e satisfação artística passa pela forma como consigo passar essa inquietude ao espectador. Não procuro soluções nem respostas, mas antes questionar, criar inquietude e novas visões sobre o homem e o mundo.”



Natural de Maceira, Leiria, nasce em 1956. Inicia a sua actividade de professor em 1979 depois de concluir a licenciatura em Geografia. A partir de 1983 frequenta a escola de artes Ar.Co Lisboa e passa a expor com regularidade a partir de 1984. Participou em mais de três dezenas de exposições individuais e mais de uma centena de mostras em Portugal, Espanha, França, Bélgica, Luxemburgo, Alemanha, Holanda, Polónia e Macau. Participou em vários simpósios internacionais de escultura e coorganizou outros. Pertenceu e foi cofundador de associações de artistas plásticos. A partir de 2013, deixa o ensino para se dedicar em exclusivo à escultura.

Ficha Técnica

Horseback 1 – mármore de Estremoz, 42x83x15 cm, 2020

Horseback 2 – mármore de Estremoz, 40x54x15cm, 2020

ADÁLIA ALBERTO

Nasce em Leiria no ano de 1973. Em 1999 lança-se na realização de esculturas originais e no ano seguinte realiza a sua primeira exposição individual. Em 2005 representa Portugal no 13º Salão de Arte de Saint-Maur- Des Fossés, Paris. Em 2007 recebe o Diploma de Reconhecimento de Mérito do Elos Clube de Leiria; a Comenda da Associação Brasileira de Desenho e Artes Visuais, ABD e a Medalha de Honra de Mérito da Casa Museu Maria da Fontinha, Castro Daire. No ano de 2010 executou a escultura “Senhora de Costas” para a exposição “Às Artes Cidadãos”- Museu de Serralves no Porto, com o artista plástico Rigo 23. Em 2013 foi comissária do Simpósio de escultura “Perpetram” em parceria com a Câmara Municipal de Porto de Mós. Em 2015 participou na “Vera World Fine Art Festival”, na Coordoaria Nacional em Lisboa, onde recebeu o prémio “Aplauso do Juri”. No ano de 2017 trabalhou em parceria com o artista plástico Rigo 23 no projecto “Itacoatiara”- Cicatriz de Tordesilhas, Fundação Milénio BCP em Lisboa. A sua obra está representada em Museus, Câmaras Municipais e Galerias de Arte e espalhada em colecções de arte em 33 países.

Ficha Técnica

Duelo de Energias – mármore, 47x25x48 cm, 2019

Fórmula 1 – mármore, 60x27x45cm, 2019



BEATRIZ CUNHA

Nasceu em Lisboa em 1959. Estudou História na Universidade Nova e Joalheria Contemporânea no AR.CO. Depois de um período dedicado à joalheria, nos anos noventa, iniciou a sua abordagem à escultura, explorando técnicas e materiais, desenvolvendo a linguagem artística através da experimentação, atitude que é fundamental na construção das suas obras, conduzindo à criação de obras ecléticas e inovadoras.

“As obras apresentadas nesta exposição, pertencem a um vasto conjunto, elaborado ao longo de um período de nove anos. Desenvolvendo-se a partir de um conceito existencial, constituem uma forma de reflexão quanto às inquietações da vida humana, que todos partilhamos.

São formas orgânicas abertas à interpretação, provocadoras e ambíguas, que espero sirvam de ponto de partida para a contemplação da realidade profunda da existência.”

Ficha Técnica

Tubipóros - mármore, 76x56x46 cm

Aculeus - mármore, 71x80x60cm



DIOGO ROSA



“É na depuração das formas e na geometria que encontro a essência das minhas Esculturas. Elas procuram transmitir harmonia, simplicidade e convite à contemplação. São por isso, no geral, de grande simplicidade, sendo uma das minhas principais referências Constantin Brancusi.”

Desenvolve actividade como artista plástico nos campos da Escultura em Pedra, Cerâmica, Pintura e Fotografia. Participa com regularidade em exposições individuais e colectivas.

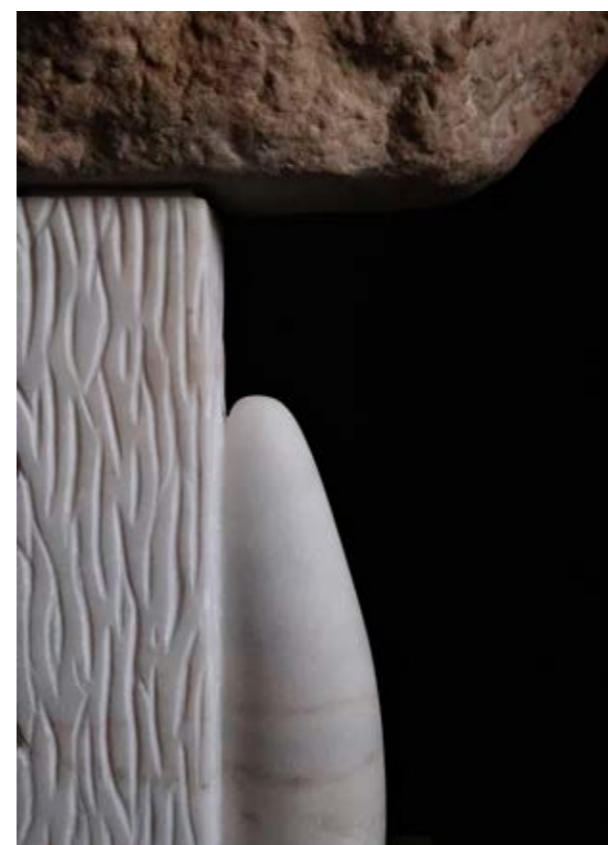
Integra o Centro Internacional de Escultura onde tem atelier. É convidado frequentemente para o Sintra Arte Pública que tem lugar anualmente na Volta do Duche - Sintra.

Participou em diversos projectos artísticos de âmbito social. Na Escultura em Pedra tem desenvolvido trabalhos onde a figuração e a abstracção se cruzam em sínteses formais, com uso dos materiais pétreos nacionais.

Ficha Técnica

Paesanos (em cima)

*Lithos - Mármore de Estremoz, Negrais e Basalto
35x25x65 - 2020*



FILIFE CURADO

“O processo criativo é um acto pessoal e introspectivo, onde há uma busca ou fluir de uma ideia emergente, de algo desconhecido que fica a pairar no consciente até à materialização, tornando-se assim obra de arte.”

Nasceu em 1978, natural de Leiria. Escultor autodidacta, iniciou o seu percurso em 1998. Desde então tem vindo a colaborar com várias galerias de arte, expondo com frequência um pouco por todo o país e também no estrangeiro, contando já com mais de 70 exposições individuais e colectivas. Está representado em várias colecções institucionais, particulares e conta também com algumas obras públicas.



Ficha Técnica

Afloramento II - mármore, 57x30x20 cm
Tronco de Árvore - mármore, 150x31x22cm

JOÃO SOTERO



As esculturas “Trans/Formas” aqui apresentadas são o resultado de uma série em que o corpo humano, tema central do seu trabalho anterior, é apresentado de uma forma abstracta onde se combinam elementos conceptuais, sensoriais e psicológicos. Os corpos ora se erguem em equilíbrios instáveis, ora tombam em harmonia e apaziguamento. A nova série “Transparência”, ainda experimental, é o começo de uma nova aventura...

Desde 1967-68 participa em concursos nacionais de Pintura, tendo-lhe sido atribuído uma menção honrosa e um 1.º prémio, mas dedica-se à escultura a partir de 1982 tendo atelier próprio em Arraiolos desde 2009. Realiza a partir de 1995 vários trabalhos de cenografia para teatro. Participou em várias exposições individuais e colectivas, simpósios e bienais. Tem obra pública em Portugal, França e Alemanha e encontra-se representado em várias colecções públicas e privadas.

Ficha Técnica

Trans Forma I - ruivina,
56x21,5x16cm, 2012
Trans Forma II - mármore e madeira,
75x30x22cm, 2012



MÁRIO LOPES

Mário Lopes (n. 1981) cresceu em Leiria e desde cedo se identificou com a talha da pedra que iniciou na Escola de Artes e Ofícios no Mosteiro da Batalha. Seguiu para Itália onde se licenciou na Academia de Belas Artes de Carrara na vertente de Escultura em 2005. Depois de ter trabalho com vários artistas internacionais e viajado por meio mundo, passa pelo Japão onde tira um Mestrado de Escultura na Tama Art University em Tóquio. Durante este período sofreu uma forte influência, tanto cultural como estética, que marcou a sua obra desde então. Explora a escultura, pintura, estampa, tapeçaria em temáticas abstractas relacionadas com crescimento, expansão, evolução da matéria no espaço.

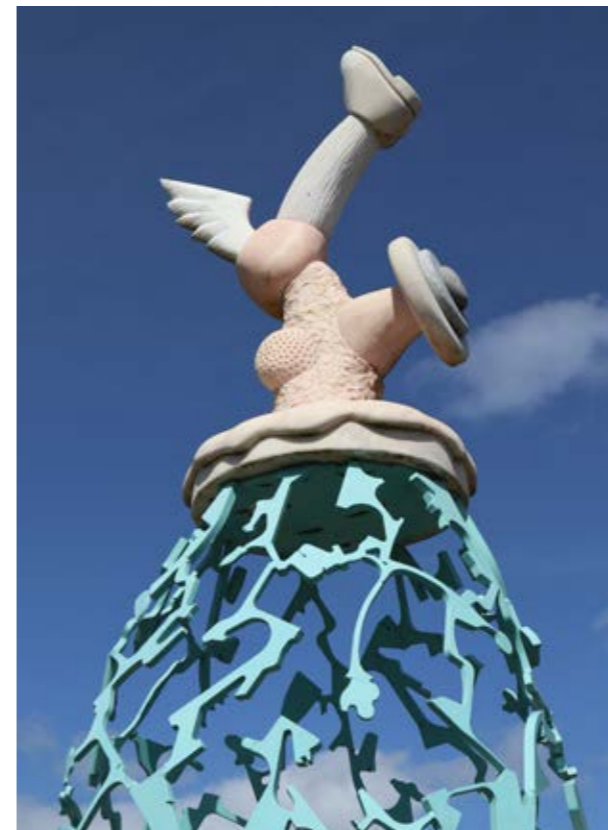
Ficha Técnica

Virgultum - mármore, 50x30x30cm - 2020

Duo modos - mármore, 35 x 20 x 20 cm - 2019



MOISÉS PRETO PAULO



O trabalho de escultura de Moisés apresenta-se como uma viagem intemporal a um mundo onírico através de uma visão irónica e fantasiada. Estabelecido na cena artística, tanto a nível nacional como internacional, as suas composições artísticas revelam um carácter intenso, lúdico, quinético e construtivo que liga os temas e vivências quotidianas com a História, tornando-se uma representação interpretativa da Natureza e do acto de viver. A pedra mármore e os metais são os seus materiais de eleição pela sua nobreza e ligação à lógica da estética contemporânea.

Moisés Preto Paulo nasce em Almada em 1963. Licenciado em Escultura pela Faculdade de Belas Artes de Lisboa. Fundador do Centro Internacional de Escultura, Odrinhas, Sintra. Coordenador da exposição anual de escultura monumental, "Sintra Arte Pública" desde 2002. Co-fundador da associação cultural "Casa das Artes" em Sesimbra. Autor de vários monumentos públicos. O seu trabalho encontra-se representado em mais de 20 países. Participou em mais de 150 eventos colectivos (exposições, simpósios, feiras, animações, etc.) e em mais de 30 exposições individuais.

Ficha Técnica

Undicola-Sibila, Marmore e metal, 300x150x15

Sem Título, Mármore diversos, 1600x70x230

NTALUMA MAKONDE

Nasceu na Base Beira, a 1ª Base da frente de libertação de Moçambique em Nkandangue Nanhagaia, distrito de Nangade, província de Cabo Delgado, Moçambique, a 25 de agosto do último ano da década de 60, num sábado com o calor do planalto, onde os homens se assustaram com as gargalhadas das parteiras tradicionais Makonde. Iniciou o seu trabalho de transmitir a sua palavra através da madeira em 1990, no Museu de Etnologia de Nampula.

Em 1992 chega a Maputo onde, com um grupo de amigos, funda a “Favana Grupo de Escultores Makonde”, no parque de campismo da cidade que começa a formar muitos moçambicanos e estrangeiros. No ano de 2000 vai para a A.S.E.M.A., no Museu Nacional de Arte de Maputo.

Chega a Portugal em 2002, onde desenvolve com outros artistas um intercâmbio de sensibilidades artísticas. Em 2003 assume a responsabilidade da escola de escultura da A.L.D.C.I. – Portugal, integrada na escola da multiculturalidade. Está representado em colecções como o Museu Nacional de Arte (Maputo), ISARC (Maputo), Ordina (Andorra), e Chang Chun (China), Consulado Geral de Moçambique em Lisboa, Long Beach Califórnia (USA), Hospital Garcia d’Orta Almada, Parque dos Poetas em Oeiras. E também em particulares espalhadas pelos quatro cantos do mundo.

Ficha Técnica

Paz para o mundo – mármore, 285X60X50cm

Família Makonde – Ónix, 52x60x25 cm - 2016



PEDRO FAZENDA

A metodologia usada foi a de transferir o princípio do *cadavre exquis* para a disciplina base dos dois escultores.

Desse modo, neste projecto conjunto de Elsa Gonçalves e Pedro Fazenda tudo parece radicar na secção da peça deixada à mostra para o outro prosseguir. Assim, um dos escultores materializou uma parte da peça, no seu material de eleição, com uma secção plana no topo para que a parte do outro pudesse ser ajuntada. Para que o segundo escultor não conhecesse o fragmento produzido, foi necessário desenhar e fornecer em papel a secção disponível para efectuar a junção.

A intenção é a de proporcionar o momento da junção das formas como uma criação do ACASO, como um ritual de MAGIA, como o resulta do JOGO.

Pedro Fazenda nasceu em Coimbra em 1957. Estudou em Lisboa no AR.CO. Participou em diversos simpósios internacionais de escultura em pedra. Expõe colectivamente desde 1979 e individualmente desde 1986. Autor de diversas esculturas públicas, está representado em várias colecções privadas. Realizou diversas cenografias para teatro. Trabalha em Évora, no Departamento de Escultura em Pedra – Associação Pó de vir a Ser, onde é director artístico.

Ficha Técnica

S/ título 1



ELSA GONÇALVES

Elsa Gonçalves nasceu em Lisboa, em 1956. A partir de 1986 fez formações diversas ligadas ao Ensino pela Arte, e à escultura cerâmica e em pedra. Em 2000 licenciou-se em Artes Plásticas – Escultura na Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa. Participou em Simpósios Internacionais de Escultura e em exposições colectivas desde 1984. Realiza exposições individuais desde 1992. Faz parte e participa na Sociedade Nacional de Belas Artes, na Associação de Arte e Comunicação Oficinas do Convento e na Associação Luzlinar. Ensina Cerâmica na Escola Artística António Arroio desde 2001. Está representada em diversas colecções.

Ficha Técnica
S/ título 2



RICARDO GIGANTE

Despertar a sensibilidade da leveza da forma da pedra.

Nasceu em Vila Viçosa. Realizou três dezenas de exposições individuais em Portugal e Espanha e está representado em importantes colecções como: Museu de Arte Contemporânea de Moscovo, Galeria Status Crosna, Rússia; Grundfos, SA, Dinamarca; Convento de San Francisco, Badajoz, Espanha; Ayuntamiento de Punta Umbria, Espanha; Museo Municipal Lopez Villaseñor de Ciudad Real, Espanha; Banco Bilbao-Vizcaya, Lisboa; Edinfor – Sistemas Informáticos, SA, Lisboa e Siemens, Lisboa. Participou em mais de uma dezena de simpósios nacionais e internacionais. Foram atribuídos vários prémios, entre os quais se destacam: Prémio do Concurso de Embelezamento de Espaços Escolares, Escola António Augusto Louro, Seixal; VIII Prémio Ibérico de Escultura, Prémio Torre Almenara, Punta Umbria, Espanha e X Prémio “López Villaseñor de Artes Plásticas”, Ciudad Real, Espanha.

Ficha Técnica
Profundidade- mármore, 63 x 23 x 8cm
Infinito- mármore, 70 x 13 x 7cm





SANDRA BORGES

No seu trabalho, a escultora explora as relações entre o contexto cultural, a memória e a construção da identidade visual do indivíduo através da apropriação de padrões e formas da cultura portuguesa. O desafio é o de criar um canal de comunicação utilizando o menor número de elementos possíveis, ora culturais ora da figuração humana, de modo a permitir o diálogo intimista com as memórias e vivências do observador.

Nasce em Lisboa em 1979. Termina o curso de Escultura na Faculdade de Belas Artes de Lisboa em 2006 e o estágio profissional com o Centro Internacional de Escultura - Odrinhas, Sintra, em Fevereiro de 2009. Participa numa residência artística em 2010/2011 para escultura em espaço público em Port D'Envaux, França. Participou em alguns simpósios a nível nacional. Expõe colectivamente desde 2000 e individualmente desde 2009, tanto a nível nacional como internacional. Trabalha em várias tecnologias, destacando-se a pedra, a cerâmica e os materiais sintéticos. Possui obra representada em colecções tanto no estrangeiro como em Portugal.

Ficha Técnica

Conversa de Surdos- mármore, 150x200x100cm, 2016
Contas- Moleanos, Rosa Negraís, Molianos e latão, 50x60x100cm, 2012



STEFANO BACCARI

Nasce em Itália em 1944. Reside na Suécia e na Índia. A sua arte tem sido exposta e está representada em colecções na Suécia, Noruega, Filândia, Dinamarca, Cuba, China, Coreia do Sul, Japão, Índia e outros países europeus. Em 1996 fundou a "Global Stone Workshop", uma organização com mais de 200 oficinas de escultura em pedra e fundição em bronze na Suécia, Marrocos, Itália, Portugal, Espanha, Vietname e Índia. É membro de várias associações de artistas, entre as quais a Associação de Escultores de Carrara, Itália e a Associação Portuguesa de Escultores.

Ficha Técnica

Twins- mármore



THIERRY FERREIRA



“Desde 2006 que a minha pesquisa artística se centra na prática da escultura, do desenho/escultura e da fotografia, tendo como ponto de partida a organização do espaço como problemática estética, em que procuro encontrar estratégias para projetar a escultura fora de si mesma e mostrar imagens do mundo em construção. Esta procura divide-se em três núcleos;

- Primeiro núcleo ou núcleo central: o da construção, edificação, habitação, em que as propostas plásticas permitem convocar um espaço virtual, típico das práticas modernistas (orientação centrípeta), e a fuga desse espaço virtual em direção ao real (orientação centrífuga).

- Segundo núcleo: o da prática de atelier na qual ocorre uma articulação entre escultura, fotografia e desenho. A fotografia é aqui utilizada como protocolo da escultura.

- Terceiro núcleo: o da arte em geral.

No cruzamento destes três núcleos surgem dois tipos de trabalhos: um de carácter projetual, em que o resultado final integra o que antecipa; outro de cariz processual em que a matéria, o fazer e o relacionamento do corpo são veículos fundadores do objeto final.”

Terminou a licenciatura em Artes Plásticas, pela Escola Superior de Artes e Design das Caldas da Rainha em 2009 e, em 2016, o Mestrado em Artes Plásticas pela mesma instituição. De destacar vários prémios, entre os quais uma menção honrosa na VII edição do Prémio D. Fernando II, Sintra em 2003, uma menção honrosa no III Prémio Baviera Artes Plásticas de Vila Nova de Cerveira em 2004, 1º Prémio de Escultura Artur Bual, Amadora, em 2005, 1º Prémio de Escultura na Bienal de Artes Plásticas de Ansião em 2008, 2º Prémio de Escultura, Jingpo Town International Sculpture Art Festival, China em 2012, 1º Prémio na Bienal Internacional de escultura de Chaco, Resistência, Argentina em 2014, uma menção honrosa no 7º Simpósio Internacional de Teerão, Irão em 2015, VII Prémio Ibérico de Escultura da Cidade de Serpa e Prémio da Bienal de Coruche em 2017.

Ficha Técnica

Sem Título - mármore, 90x50x19cm, 2019

Sem Título - mármore, 57x28x15cm, 2019



BECERRA VITORINO

José Vitorino - Becerra para as Artes, nasceu em Tomar, passou pelas Áfricas e desenha desde que se lembra.

Ficha Técnica

Fotografia

Desenho

CARMEN VITORINO



Natural de Tomar, licenciada em Design de Equipamento pela FBAL em 1978, foi professora do ensino secundário, tendo leccionado ainda cursos profissionais de Serigrafia e Gravura, Fotografia e Vídeo e Design Gráfico. Fez algumas incursões pelo design industrial, de interior e gráfico tendo realizado entre outros, projectos de artigos de viagem para a extinta fábrica Sardan. Gosta de comunicar pela fotografia e pelo desenho e de reelaborar formas de ver e interpretar a realidade através de diferentes meios de expressão plástica.

Ficha Técnica

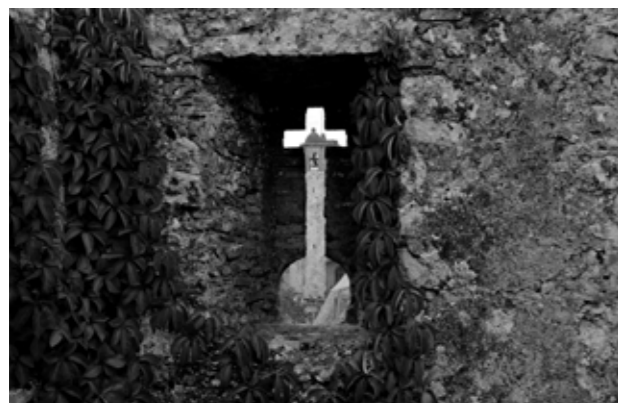
Sem Título - Aguarela - 23x31,5cm

ENGRÁCIA CARDOSO

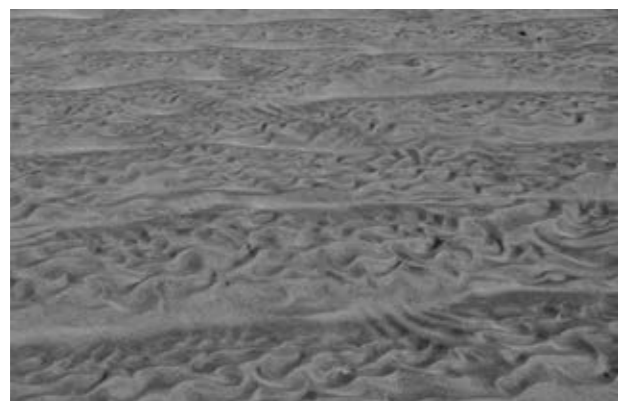


Engrácia Cardoso nasceu em Tomar em 1976. Vive e trabalha em Lisboa. Mestre em Pintura pela Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa e licenciada em Artes Plásticas, ramo Desenho pela Escola Superior Artística do Porto. Gosta de explorar o desenho e todas as suas fronteiras e expressões, permitindo usar com liberdade a fotografia, a escultura, a instalação e a pintura.

A maior parte das fotografias expostas correspondem a várias saídas deste grupo de amigos por locais com ligação às actividades da pedra: Ateliers de escultura, oficinas de cantaria, pedreiras e monumentos da cidade. Esta actividade acontece algumas vezes por ano, tendo sempre por base a amizade e a paixão pela fotografia. Os temas escolhidos integram geralmente exposições de arte mais abrangentes.



ARLINDO HOMEM



BECERRA VITORINO



CARLOS SILVA



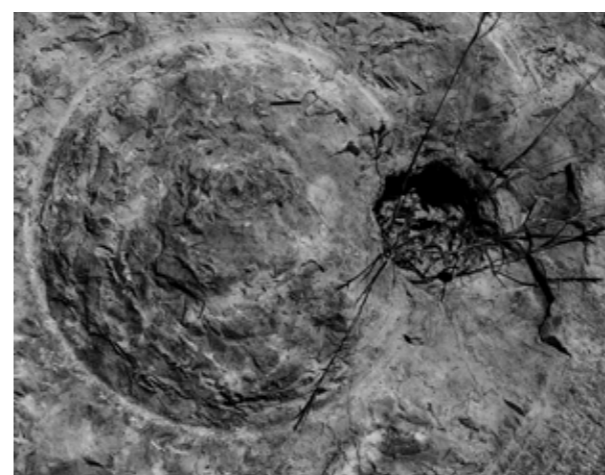
CARMEN VITORINO



DAVID LIGEIRO



DIOGO ROSA



JOAQUIM SANTOS



JOSÉ MATIAS



PAULO FERREIRA

<https://convergenciasarte.wordpress.com/sitios-da-pedra-i-fotografia>



CARLOS DINIS RIBEIRO

Vive em Minde, autodidata, curioso e apaixonado pela arte em Pedra.
Há cerca de 22 anos que trabalha a Pedra, mas só há 5 desenvolve esta actividade a tempo inteiro.
Com um trabalho de grande simplicidade, presta homenagem aos ofícios tradicionais especialmente de cantaria e aos antepassados que o exerceram.
A sua Avó foi a principal responsável pela vertente artística que abraçou.



LUÍS RODRIGO

Foi viver para Tomar com 14 anos. Por influência do pai abraçou a profissão de Canteiro que exerce há cerca de 40 anos. Com o irmão Rui dirigem a oficina na localidade da Pedreira, procurando para além dos trabalhos clássicos de cantaria fazer trabalhos de cariz mais artístico e com tecnologia mais recente.

Coordenação e Curadoria

Becerra Vitorino
Carlos Silva
Carmen Vitorino
Diogo Rosa
José Matias
Sandra Borges (site e apoio informático)

Colaboração literária

Ermelinda Henriques
Graça Costa
João Patrício
Nuno Garcia Lopes

Design gráfico e apoio técnico

Gabinete de Comunicação do Município de Tomar
Divisão de Turismo e Cultura do Município de Tomar

Agradecimentos

Alexandre Horta - Junta de Freguesia da Pedreira
Casa do Concelho de Tomar (apoio logístico)
Centro Internacional de Escultura
Fernando da Graça Rodrigo e filhos L.da
Galeria AlaPedra
Luísa Patrício (imprensa)
Luís Costa - Qualidar
Luís Mendes - Mota-Engil

Ainda à colaboração dos escultores do CIE
Helio Charard
Inês Duarte

“Os Sítios da Pedra” em
<https://convergenciasarte.wordpress.com/>

